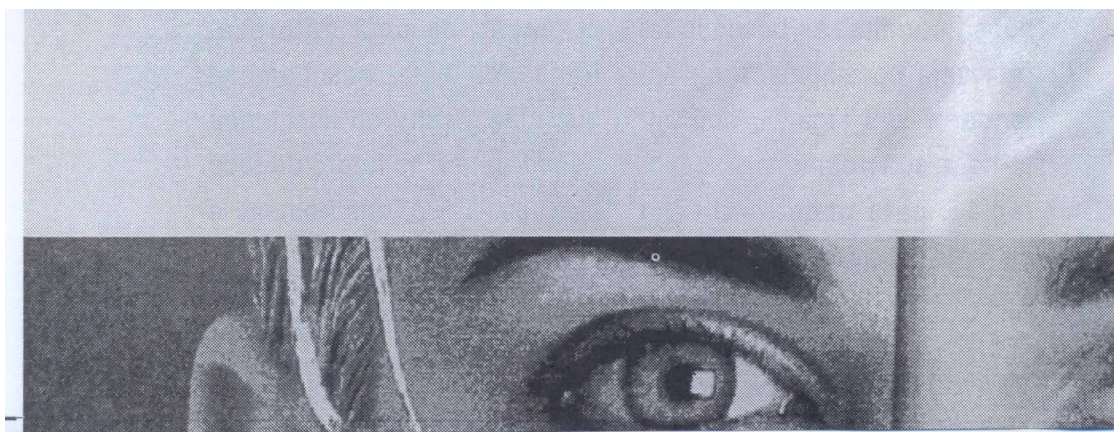


MATERIAIS ALTERNATIVOS
PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA



MIGUEL, Antônio e ZAMBONI, Ernesta (orgs.). **Representações do espaço: multidisciplinaridade na educação.** Campinas: Autores Associados, 1996.

Esta obra procura explicitar como o espaço vem sendo apropriado e analisado por diversas áreas do saber e as significações, particularidades e diversidades existentes neste processo. O livro é composto por textos de autores de diferentes áreas do conhecimento sobre o espaço e suas representações.

Propõe-se a pensar o espaço na perspectiva da História, do cinema, da Filosofia, da Psicologia, do processo de construção do conhecimento, da Matemática e da Geografia. São textos concisos que trazem questões e permitem o levantamento de problemas novos.

Trata-se de uma produção particularmente importante para professores e estudantes de Geografia, pois possibilita o despertar para a necessidade de sistematização de projetos interdisciplinares, tão exigidos pela atualidade. Este livro propicia aos profissionais envolvidos com a temática um alargamento da visão sobre o espaço, pois muitas vezes esses profissionais ficam restritos e fechados nas especialidades de suas disciplinas. No caso da Geografia isto se constitui como fundamental pois o espaço é a sua categoria fundamental de análise.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos e outros (orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB, 1998.

Este livro é composto por uma coletânea de artigos dirigidos àqueles que trabalham com o ensino de Geografia, elaborados por diferentes autores. Os textos abordam os conflitos e desafios de ensinar Geografia hoje, discutem e apresentam sugestões didáticas alternativas e refletem sobre a prática do professor na atualidade. Alguns textos focalizam temas específicos, recursos e procedimentos possíveis para o processo de ensino e aprendizagem, outros abordam o trabalho com mapas, a discussão sobre o livro didático e o trabalho de campo.

É uma boa dica de leitura para quem quer ficar por dentro do debate atual sobre o ensino de Geografia.

1. Música: Planeta Blue

Compositores: Milton Nascimento e Fernando Brant

Intérprete: Milton Nascimento

LP: Yauretê, Rio de Janeiro, CBS, 1987.

Esta música pode ser trabalhada nos diferentes temas geográficos ligados à relação geopolítica entre os países do norte e do sul, a relação homem-natureza, nas desigualdades sociais planetárias. É mais apropriada para os dois últimos anos do ensino fundamental e ensino médio.

PLANTABLUE

Eu sou Atlântica dor Plantada no lado Sul
De um Planeta que vê E que é visto azul

Mas essa primeira impressão Esse Planeta Blue
Não é a visão mais real
Além de cor, blue é também muito triste Pode ser o lado nu,
o lado pra lá de cru O lado escuro do azul

Eu sou um homem comum Eu sou um homem
do sul

Eu sou um Mrican Man
Um South American Man

A fome continental
Miséria que o Norte traz A
fome com a morte vem A
fome não vem da paz

O ódio que ódio tem
Se espalha bem mais veloz
Que a água que a chuva traz
Que o grito da nossa voz

Eu sou um homem qualquer
Estou querendo saber
Se dá pra gente viver
Se dá pra sobreviver

2. Música: Notícias do Brasil (Os pássaros trazem)

Compositor e Intérprete: Milton Nascimento

LP: O Caçador de Mim, São Paulo: Ariola, 1982.

Esta música permite discutir com os alunos o processo de regionalização e ocupação do território brasileiro além de propiciar o desenvolvimento de trabalhos cartográficos, especialmente com o mapa do Brasil. É ideal para os dois primeiros anos do ensino fundamental.

NOTÍCIAS DO BRASIL (QUE OS PASSÁROS TRAZEM)

Uma notícia tá chegando lá do Maranhão Não
deu no rádio, no jornal ou na televisão

Veio do vento que soprava lá do litoral
De Fortaleza, de Recife e de Natal
A boa nova foi ouvida em Belém, Manaus, João Pessoa,
Teresina e Aracaju
E lá do Norte foi descendo pro Brasil Central
Chegou em Minas; já bateu lá no Sul

Aqui vive um povo que merece mais respeito, sabe? E
belo é o povo como é belo todo amor
Aqui vive um povo que é Mar e que é Rio
E seu destino é um dia se juntar

O canto mais belo será sempre mais sicero, sabe? E
tudo o quanto é belo será sempre de espantar Aqui
vive um povo que cultiva a qualidade
Ser mais sábio que quem o quer governar

A novidade é que o Brasil não é só litoral
É muito mais, é muito mais que qualquer Zona Sul
Tem gente boa espalhada por esse Brasil
Que vai fazer desse lugar um bom País
Uma notícia tá chegando lá do litoral
Não deu no rádio, no jornal, ou na televisão Ficar
de frente para o mar, e de costas pro Brasil Não vai
fazer desse lugar um bom País.

3. CD: AS CIDADES, São Paulo: BMG Brasil Ltda, 1998

Compositor: Chico Buarque

O trabalho *As cidades* (compact disc), de Chico Buarque se constitui em um material primoroso para o ensino de Geografia,

favorecendo a criação de inúmeras possibilidades pedagógicas para a sala de aula. Abaixo, indicamos uma leitura sobre esse trabalho, elaborado a partir do olhar da Geografia.

AS CIDADES

Luiz Gonzaga Falcão Vasconcellos

I

Com o lançamento em fins de 1998 do compact disc "As cidades", Chico Buarque traz a público mais uma obra de refinada beleza e singular criatividade. São onze faixas com temática diversificada, sendo sete com letra e melodia exclusivas do artista.

Sem considerar a importância e a pertinência das demais faixas, ainda porque integram o corpo do trabalho, destaco àquelas que em minha percepção e sensibilidade influenciaram pelo menos, de certa forma, na definição do título geral do disco.

São quatro as faixas por mim destacadas:

1" *Carioca*, que enfoca o burburinho, as falas e vivências na ruas em vários pontos do Rio de Janeiro; 2" *Iracema voou*, abordando a trajetória e peripécias de uma mulher desde o Ceará até à "América", 3" *Xote de navegação*, descrevendo o tempo de um vilarejo ribeirinho no interior brasileiro e 4" *chão de esmeraldas*, retratando a presença da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira no fazer-se Rio de Janeiro, através do carnaval.

Em *Carioca*, a primeira faixa do disco, os conteúdos passam por um refinamento artístico de tal ordem que a complexidade da metrópole fluminense aparece nos conteúdos do processo urbano tais como no percurso pelos bairros do Flamengo, Gávea e Copacabana elaborando alguns enredos aí vivenciados, entre eles o da pregação religiosa do reverendo, os do samba e do baile *funk*, da venda de bugigangas e guloseimas (tapioca) pelas ruas afora.

Geógrafo urbanista. Professor da Universidade Federal de Uberlândia

Por outro lado, são enfocados também os elementos da natureza integrando a constituição de um lado do cenário; a gaivota à tardinha, as montanhas com seu visual quase arrombando a retina, tudo em articulação no contexto da cidade realmente existente.

A faixa *Iracema voou* elabora sobre a ânsia imigrante da mulher e do homem cearense, também em direção ao exterior. Muito provavelmente Iracema sai de Fortaleza buscando construir em uma cidade dos Estados Unidos da América, sonhos e projetos muito próprios, com seu jeito peculiar de ser. Ela sabe que é preciso ser esperta e traçar com muita sagacidade estratégias de vida, seja no trabalho, no entretenimento, nas aspirações culturais ou no drible ao serviço de imigração, dificultadas pelos seus poucos conhecimentos do idioma inglês. Como típica nordestina, Iracema não perde a ligação com a terra natal, procurando manter viva a comunicação, ao mesmo tempo em que pragmaticamente procura ficar lá pela cidade americana. Ela é Iracema da América, batalhando por ideais pessoais nos "States", sem perder de vista o seu Ceará, sua terra e sua gente.

No *Xole de navegação*, parceria com Dominginhos, o realce centra-se no tempo como fundamento na elaboração do espaço social de uma cidadezinha, desse imenso e multifacetado país, que é o Brasil. Aqui o vilarejo, enquanto lugarzinho em tamanho e dinâmica, está umbilicalmente ligado ao rio que o atravessa e penetra, deslizando suas águas próprio e singular de uma currutela interiorana, imbricada junto às suas barrancas. Largar o afazer, sonhar e navegar na paciência, barcaça daquele tempo e local é sorver instantes mágicos, com o desabrochar da flor, com a passagem do cais, com os sons que se fazem música e respiração, com as paisagens furta-cor e também com o capataz a gritar que a embarcação navega para trás. De dentro do navio segue o rapaz como participante dessa trama que

íntegra e constrói a vida de uma ribeirinha cidade banhada "pela água do rio que é sem fim e é nunca mais", ou seja, sua história contém o rio enquanto natureza moldada e moldando a paisagem sócio-cultural, a paisagem geográfica.

O disco tem como última faixa *Chão de esmeraldas*, uma parceria com Hermínio Bello de Carvalho, colocando-se como Segunda vez no disco, em evidência a cidade do Rio de Janeiro. Este encerramento é, no meu entender, emblemático, pois vai destacar o desfile da Mangueira, a verde e rosa do Chico que não é dele, mas que a assumiu, assim como ela o adotou. Aqui é a cultura popular, a marca do negro sulcando as entranhas da cidade desfilando por seus morros, becos, cantos, ruelas e avenidas; pelo estádio do samba, o "Sambódromo". Os negros, praticando os sambas em suas escolas, como manifestação de resistência e vida, na perspectiva do valor e expressão de sua etnia, demonstram à despeito de todas adversidades, que buscam teimosa e orgulhosamente continuar imprimindo suas marcas na cartografia da cidade, nos processos de sua conformação urbana. A "realeza dos bambas que quer se mostrar soberba, garbosa", nos apresenta a garra pela auto estima e pela preservação da memória em perspectiva tanto histórica quanto geográfica. Compreender o Rio, "Cidade Maravilhosa", implica necessariamente mergulhar no urbano enquanto processo e buscar conhecer também seus subterrâneos, os quais interferem sobremaneira na vivência dos setores "vencidos" socialmente.

Como último ponto a enfatizar nesse momento, entendo que os geógrafos, em especial os professores e demais educadores precisam aprender a trilhar seus trabalhos, laborando também com as artes e a cultura, como manifestações históricas fundamentais, e auxílio insubstituível para a ciência e o processo de conhecimento das diversas realidades humanas.

TÍTULO: Operário em Construção *AUTOR:*
Vinicius de Moraes

Este poema pode ser analisado nas aulas de Geografia quando se explora a importância do trabalho no processo de construção do espaço geográfico pelo homem. Ele mostra com sensibilidade e clareza a importância do trabalhador para a construção de tudo o que existe em nosso redor, apesar de não ser reconhecido e valorizado pela sociedade.

Operário em construção (*fragmento*)(*Vinicius de Moraes*)

Era ele que erguia casas Onde antes só
havia chão Como um pássaro sem asas
Ele subiu com as casas
Que lhe brotavam na mão. Mas tudo
desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo Um templo
sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

TÍTULO: Operário em Construção *AUTOR:*
Vinicius de Moraes

Este poema pode ser analisado nas aulas de Geografia quando se explora a importância do trabalho no processo de construção do espaço geográfico pelo homem. Ele mostra com sensibilidade e clareza a importância do trabalhador para a construção de tudo o que existe em nosso redor, apesar de não ser reconhecido e valorizado pela sociedade.

Operário em construção (fragmento) *(Vinicius de Moraes)*

Era ele que erguia casas Onde antes só
havia chão Como um pássaro sem asas
Ele subiu com as casas
Que lhe brotavam na mão. Mas tudo
desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo Um templo
sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato como ele podia
Um operário em construção
Compreender porque um tijolo
Valia mais que um pão?
Tijolos ele empilhava
Com pá cimento e esquadria
Quanto ao pão ele comia ...
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente
Um operário em construção
Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que operário faz a coisa E
a coisa faz o operário De
forma que, certo dia À
mesa, ao cortar o pão O
operário foi tomado De
uma súbita emoção Ao
constatar assombrado Que
tudo naquela mesa -
Garrafa, prato, facão Era
ele quem os fazia
Ele, humilde operário
Um operário em construção
Olhou em torno: gamela

Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela Casa,
cidade, nação! Tudo, tudo
o que existia Era ele quem
o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.
(...)

TÍTULO: A Bomba Suja

AUTOR: *Ferreira Gullar*

Este poema trata de forma incisiva um dos maiores problemas brasileiros: a fome; fenômeno ainda presente com força nos dias atuais, especialmente no Nordeste brasileiro. O autor associa a fome a uma bomba silenciosa colocada dentro do homem, que mata e fere como qualquer outra bomba usada nas guerras declaradas. Com agudez e perplexidade esse poema nos leva à reflexão, à análise e sem dúvida à indignação. É uma fonte preciosa para auxiliarmos nossos alunos na construção de conhecimentos críticos sobre a realidade brasileira.

A Bomba Suja

Introduzo na poesia
a palavra diarreia
Não pela palavra fria
Mas pelo que ela semeia. Quem
fala em flor não diz tudo. Quem
fala em dor diz demais.

O poeta se torna mudo
Sem as palavras reais.
No dicionário a palavra
é mera idéia abstrata.
Mais que palavra, diarreia É
arma que fere e mata. Que
mata mais do que faca, Mais
que bala de fuzil, Homem,
mulher e criança no interior
do Brasil.
Por exemplo, a diarreia,
No Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
Setenta e três leva a morte. É
como uma bomba B
que explode dentro do homem a
espoleta da fome.
É uma bomba relógio
(o relógio é o coração)
que enquanto o homem trabalha
vai preparando a explosão.
Bomba colocada nele
muito antes dele nascer,
que quando a vida desperta
nele começa a bater.
Bomba colocada nele
pelos séculos de fome
e que explode em diarreia
no corpo de quem não come.
Não é uma bomba limpa:

é uma bomba suja e mansa
que elimina sem barulho
vários milhões de crianças.
Sobretudo no Nordeste mas
não apenas ali,
que a fome do Piauí
se espalha de leste a oeste.
Cabe agora perguntar quem
é que faz essa fome, quem
foi que ligou a bomba ao
coração desse homem.
Quem é que rouba a esse homem o
cereal que ele planta,
quem come o arroz que ele colhe se
ele colhe e não janta.
Quem faz café virar dólar
e faz o arroz virar fome
é o mesmo que põe a bomba
suja no corpo do homem. Mas
precisamos agora desarmar
com nossas mãos
a espoleta da fome
que mata nossos irmãos.
Mas precisamos agora
deter o sabotador
que instala a bomba da fome
dentro do trabalhador.
E sobretudo é preciso
trabalhar com segurança
por dentro de cada homem
trocar a arma da fome
pela arma da esperança.

1. TÍTULO: Filhos da Guerra

Produção: Europa/Carat Home vídeo **Direção:**

Agnieszka Holland Duração: 1:15'

Ano: 1991

Uma história comovente que denuncia o absurdo dos regimes totalitários. Expõe de forma sensível o horror do nazismo contra os judeus, durante a II Guerra Mundial e a influência dessa ideologia sobre a juventude alemã. É uma obra que possibilita discutir os atuais rumos dos movimentos neonazistas no mundo, o racismo, a xenofobia, segregação de grupos minoritários, o problema dos migrantes, homossexuais e tantos outros que se sobrepõe nos inúmeros conflitos atuais vivenciados no mundo. Esse filme é significativo para os alunos porque fala da juventude, de como é ser jovem em tempos de perseguição e segregação dos corpos.

2. TÍTULO: Vídeo Coleção Brasil Cultural

Produção: Revista Caras

Direção: Sérgio Motta Mello

Realização: TV1

Volume 1: Nordeste Volume 2: Sudeste Volume 3: Sul

Volume 4: Centro-Oeste
Volume 5: Norte-
Amazônia Volume 6:
Brasil Geral

Como é afinal o país em que vivemos? Quais são as suas faces (para não dizer *caras*)? Esta coleção explora uma visão particular sobre o Brasil: o país que possui muitos potenciais (naturais, econômicos, turísticos), belas paisagens e poucos problemas sociais. Se constitui, nesse sentido, em um material audiovisual que pode desencadear um processo de reflexão em sala de aula bastante significativo sobre o espaço geográfico brasileiro. É um material indicado para fazer os alunos pensarem no que ele mostra e o que deixa de mostrar. Que Brasil se esconde atrás das belas paisagens mostradas? Que Brasil elas revelam? Através de problematizações, levantamento de dados e análises que permitam ao aluno investigar as diferentes paisagens brasileiras os vídeos aqui indicados podem ser uma das inúmeras lentes para aguçar o olhar crítico dos alunos sobre o nosso país, para desvendar a nossa realidade e o papel que temos a desempenhar como homens que também constroem as paisagens.